

CAPÍTULO 8 – “Que não dirá a Posteridade?”: Monteiro Lobato prepara o seu legado²⁶⁹

Emerson Tin

Monteiro Lobato, ao longo dos anos, não pareceu ter se preocupado muito com a posteridade. Na sua juventude, teria chegado mesmo a dela desdenhar, se podemos confiar nos registros de *A barca de Gleyre*. Em carta de 15 de julho de 1905, censura, ironicamente, trechos de uma carta que havia recebido do destinatário, Godofredo Rangel:

Pensas que já me esqueceu aquela tua carta que começa assim: “O teu estilo tem todos os fulgores ...” Supões-me então ingênuo como um tal Godofredo Rangel que ouviu impávido uma *boutade* dum tal Ricardo Gonçalves, e manteve-a na boca como bala puxa-puxa, e anotou-a carinhosamente no *Diário* com que pretende escalar o morro da Glória: “O teu estilo é o mais perfeito que ainda apareceu no Brasil?” Rangel! Rangel! Seja um bocadinho mais hipócrita e raspe aquilo. Que não dirá a Posteridade?²⁷⁰

Dando os primeiros passos na vida, sem ainda grandes pretensões literárias, o jovem Lobato talvez visse na posteridade algo nebuloso para alguém que, à exceção de poucas publicações na imprensa, algumas sob pseudônimo, ainda não havia se arriscado nas letras.

Anos mais tarde, já mais maduro e já tendo escrito, aqui e ali, textos que posteriormente o consagrariam – como os libelos “Uma velha praga” e “Urupês” –, Lobato passaria a considerar, inclusive, a ideia de publicação de um livro. Não poderia, porém, ser “apenas” um livro, como documenta o seguinte trecho de uma carta enviada a Rangel em 3 de junho de 1915:

Quanto a livro, Rangel, não sei se me sairá algum, algum dia. Porque isso de encher o mundo de livros é fácil – o difícil é produzir um livro que seja *UM LIVRO*. Note que não aparece nem um só por ano. Se em algum tempo me sentir capaz de produzir *UM LIVRO*, então aparecerei. Do contrário seria aumentar com mais uma pedrinha a imensa montanha da Mediocridade.²⁷¹

Ou seja, a estreia deveria ocorrer com um livro que o distinguisse da montanha da Mediocridade, um livro que o consagrasse, poderíamos dizer até um livro para fixar seu nome na história da literatura. A ideia de vir a público com um livro talvez também atormentasse Rangel, cujos textos eram sempre enaltecidos por Lobato, como no trecho da carta seguinte, de 23 de outubro do mesmo ano de 1915, em que Lobato investe contra a introspecção do destinatário, invocando, para tanto, o juízo da Posteridade:

Noto de há muito tempo que essa tua vida isolada te vai pondo muito introspectivo. Vives num perene exame de consciência literário, e agora vai te submeter a processo – horror! – a júri talvez. Mas sairei a defender-te. Essa introspecção, se não mata, esfola – e nada aproveita. O tribunal ainda é o

²⁶⁹ Versão anterior deste texto foi apresentada, em novembro de 2018, no evento *Cem anos de Urupês*, promovido pela Universidade do Livro, com o título “A ‘marca M.L.’: Monteiro Lobato e a posteridade”.

²⁷⁰ LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. II. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964a, v. 1, p. 101. (Obras Completas de Monteiro Lobato, II).

²⁷¹ LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. II. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964b, v. 2, p. 33. (Obras Completas de Monteiro Lobato, II).

público. Faze-te julgar por ele. Se te condenar, apelas para a Posteridade e derrancas os juízes.²⁷²

Note-se, porém, que a Posteridade aqui é invocada não como a verdadeira destinatária da obra a ser escrita, mas como fiel julgadora diante de um público que, no presente, injustamente condenasse a obra do escritor. Afinal, Lobato continuava a desconfiar das poses estudadas, “diante da câmara fotográfica da Posteridade”, como registrado em carta de 7 de dezembro ainda do mesmo ano de 1915:

Estou acostumado a esta nossa andadura de égua de silhão, escondidos do mundo, pelas humildes veredas ermas dum matagal onde não aparecem intrusos nem guarda-caças. Desadoro cavalarias de alto voo, eloquências, atitudes diante da câmara fotográfica da Posteridade. Já sou mais velho que moço, e nada me vale este gamão que jogo há mais de dez anos com o Meritíssimo Juiz de Santa Rita do Sapucaí. Quando me surge um novo que quer andar comigo pelos mesmos caminhos, sinto-me esquerdo, fujo, enxoto-o. Estas veredas, Rangel, têm dono – são só nossas.²⁷³

Essa imagem de um Lobato despreocupado com a posteridade seria repetida por Edgard Cavalheiro, ao prefaciá-la em *Cartas escolhidas* do escritor:

com exceção de Mário de Andrade, talvez só Monteiro Lobato, entre nós, tenha levado a sério essa obrigação social de acusar o recebimento de um livro, de uma carta, ou sair dos seus ócios para aplaudir uma obra, um simples artigo de jornal, ou debater com colegas certos temas de interesse público. Monteiro Lobato jamais deixou o mais insignificante bilhete sem resposta. Acusava sempre o recebimento das obras que lhe eram enviadas; agradecia impreterivelmente as palavras de conforto ou de aplauso dos admiradores. [...] E em todas as suas respostas, das mais importantes às meramente protocolares, deixava a “marca” inconfundível da sua personalidade, a graça de um estilo vivo, pitoresco, saboroso. [...] Rute Guimarães já notou como elas são diferentes das que foram escritas por um Machado, um Nabuco, um Rui ou um Euclides. Por quê? Acontece que esses ilustres homens de letras redigiam, mesmo as cartas íntimas, de fraque e cartola. Formais e protocolares, parecia estarem escrevendo para a posteridade. Não assim com relação a Monteiro Lobato. Abstraído-se completamente da possível censura dos críticos, escrevia como falava, sem rebuscamentos, sem preocupações de forma e de estilo. São cartas desenvoltas, sem o mínimo de “pose”.²⁷⁴

No entanto, se na correspondência Lobato não estava “escrevendo para a posteridade”, seu ideal literário parecia ser outro, como se pode concluir do seguinte trecho, extraído de carta a Rangel datada de 10 de janeiro de 1917: “Vamos fazer uma coisa: destrinçar o segredo dos eternamente lidos. Depois seguiremos à maneira deles, mas sem nos afastarmos da observação, do real, do verismo que está em nossa essência.”²⁷⁵ Não estaria nesse anseio de ser eternamente lido um olhar cobiçoso para a posteridade?

Em 17 de janeiro de 1920, a postura de Lobato, contrária aos louros e às glórias e – por consequência – à fixação de seu nome pela posteridade, ainda permanecia

²⁷² Ibidem, p. 56.

²⁷³ Ibidem, p. 59.

²⁷⁴ CAVALHEIRO, E. Prefácio. In: LOBATO, M. *Cartas escolhidas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964c, v. 1, p. 8-9. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 16).

²⁷⁵ LOBATO, M. Op. cit., 1964b, p. 128.

inalterada: “não sou literato, não pretendo ser, não aspiro a louros acadêmicos, glórias, bobagens.”²⁷⁶

Passados mais de vinte anos, todavia, dessa última carta, vividas inúmeras outras experiências (a estada nos Estados Unidos, as campanhas do ferro e do petróleo, a prisão, a morte dos filhos, e, sobretudo, talvez, o grande sucesso que obteve por meio dos livros infantis), a opinião de Lobato sobre sua trajetória passa a se modificar. Sintomática disso é a carta a Rangel datada de 5 de setembro de 1943, em que notícia ao destinatário o trabalho com as cartas que viriam a constituir *A barca de Gleyre*:

Numa das minhas cartas, que peguei ao acaso, encontro esta nota: “Estou escrevendo na Tribuna, de Santos, jornal cor de rosa, a 10 mil réis o artigo. Mandei para lá hoje o Bocatorta.” Desconfio que falei em “10 mil réis” para te dar inveja, pois tenho uma vaga ideia de que realmente só me pagavam 5. Está aí um ponto que qualquer criticaastro do futuro resolverá com a maior segurança – e no entanto eu, que afirmei os 10 mil réis, sou obrigado a deixar o ponto em obscuro. Talvez eu falasse em 10 mil réis porque para todos nós naquele tempo ganhar 10 mil réis com um piolho extraído do cérebro devia ser um sonho de grandeza – e de todos do Cenáculo era talvez eu o primeiro a alcançar a extraordinária bonança. Haveria em nosso grupo outro que estivesse ganhando tanta coisa, ou com possibilidades de ganhar tanto, com os piolhinhos cerebrais? Bom. Esta vai apenas para te comunicar que meti mãos à mina. Quando estiver tudo datilografado, você vai se assombrar, e verificar que éramos muito mais interessantes nos bastidores epistolares do que no palco – e juntos penetraremos na posteridade à moda do Edgard Jordão, lembra-se? “E agora, penetramos desassombadamente na estrada da vida”, foi como ele concluiu o seu célebre discurso de orador da turma. Pobre Edgard! Teve a pior das mortes – creio que louco ou à beira da loucura. Vítima da Alemanha. Arruinou-se com os marcos alemães.

Minha correspondência geral é incrível. Tenho cartas de todo mundo importante desta terra e de outras. Se procurar bem, sou capaz de descobrir algum autógrafo do *Pithecanthropus erectus*...²⁷⁷

Lobato passa não só a admitir a entrada na posteridade, ainda que ironicamente “à moda do Edgard Jordão”, mas também que, no futuro, sua obra seria objeto da crítica, mesmo que por meio de um “criticaastro”.

Como entrar na posteridade?

O biógrafo

Parece que o primeiro passo dado por Lobato foi a eleição de um biógrafo. O escritor tinha predileção por biografias e memórias, o que talvez o tenha levado a pensar na escolha de um biógrafo para retratá-lo. E que melhor nome que o de Edgard Cavalheiro, que vinha, nos últimos anos, despontando como importante representante desse gênero?

Cavalheiro, ele próprio, conta-nos que, ao publicar, em 1940, o seu primeiro livro, dedicou “carinhosamente um exemplar a Monteiro Lobato”, escritor que não conhecia. O livro dedicado? Uma biografia do poeta Fagundes Varela (São Paulo: Livraria Martins, 1940). Anos depois, em 1943, publicaria o opúsculo *Biografias e biógrafos* (Curitiba: Guaíra), edição em que já anunciava, como publicações “a sair”, as biografias de Garcia Lorca e de Álvares de Azevedo.

²⁷⁶ Ibidem, p. 211.

²⁷⁷ Ibidem, p. 352-353.

Lobato e Cavalheiro acabaram se aproximando, como conta Raimundo de Meneses, em seu artigo “O arquivo de Lobato”:

No cavaco com Cavalheiro, vim a saber como nasceu sua amizade com Lobato. Foi assim. Havia ele lançado a biografia de Fagundes Varela. Mandou um exemplar, com amável dedicatória, ao escritor e recebeu encomiástica carta e um convite para encontrarem-se. Procurou-o, uma tarde. Conversaram desde 5 ½ até meia-noite.²⁷⁸

Com a aproximação, veio a transmissão do arquivo, conforme ainda relata Meneses: “Quando Lobato embarcou para Buenos Aires, resolveu deixar seu arquivo sob a guarda de Edgard Cavalheiro, na suposição de que, devido ao seu delicado estado de saúde, morresse por lá.”²⁷⁹ E conclui: “O arquivo de Monteiro Lobato contém coisas notabilíssimas. Mas muita coisa só poderá ser publicada daqui a uns cinquenta anos, pois muita gente a quem ele se refere com certa irreverência ainda está viva por aí...”²⁸⁰

A escolha do biógrafo, munindo-o de histórias contadas em primeira mão, bem como de documentos únicos, poderia ser uma maneira de Lobato tentar controlar a imagem que dele restaria para a posteridade.

Não apenas isso, todavia. Três iniciativas editoriais viriam se somar a essa jogada no tabuleiro de Lobato: a publicação da chamada “edição ônibus”, em comemoração ao Jubileu de *Urupês*; a edição, em *A barca de Gleyre*, das cartas escritas a Godofredo Rangel; e a organização das *Obras completas*.

O Jubileu de *Urupês*

Em 1943, a Companhia Editora Nacional publicou, em sua “Biblioteca do Espírito Moderno”, um alentado volume intitulado *Urupês outros contos e coisas*. Como explicava uma nota na folha de rosto do livro, tratava-se de uma “Edição ônibus”, comemorativa do 25º aniversário da estreia do escritor, contendo a matéria de *Urupês*, *Cidades mortas*, *Negrinha*, *O macaco que se fez homem*, os últimos contos, excertos de outros livros e avulsos”.

No “Prefácio”, sentencia Artur Neves:

Há um quarto de século Monteiro Lobato publicou o seu primeiro livro e há um quarto de século esse livro vem ocupando um lugar ímpar e saliente em nossa literatura. Sua obra já resistiu, pois, à dura prova do tempo. E isso é tudo nos domínios da arte.²⁸¹

Sobre a edição, Lobato enviaria um comentário jocoso a Rangel, em 28 de setembro de 1943:

Já te contei a história do “ônibus”? É a edição lobatina com que a Editora Nacional quer contribuir para a minha aposentadoria – porque isso de jubileu não me parece outra coisa. Um livrão de 700 páginas com todos os meus contos sentados nos bancos; de pé entre eles, enxertos tirados de outros livros. Serão os pingentes – o excesso de lotação. E há um prefácio de arromba, do tamanho de um bonde, espécie de baú de mascate onde não há o que não haja. Até um trecho do *Lambeferas* que você também recordou na entrevista e vai deixar

²⁷⁸ MENESES, R. de. O arquivo de Lobato. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 jul. 1948, p. 6.

²⁷⁹ *Ibidem*.

²⁸⁰ *Ibidem*.

²⁸¹ NEVES, A. Prefácio. In: LOBATO, M. *Urupês: Outros contos e coisas*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945, p. XL.

muitos fã de boca aberta. Receberás aí o Ônibus, e também o mandarei aos amigos que andam a dizer bem de mim. Vingo-me, atirando-lhes um tijolo em cima! Porque livros desse tamanho não passam de tijolos de papel...²⁸²

A barca de Gleyre

Antes de sair a edição d'*A barca de Gleyre*, Lobato comenta a Rangel, em carta de 27 de outubro de 1943, o trabalho de preparação do volume:

Já tenho todas as cartas passadas a máquina e estou a lê-las de cabo a rabo. Noto muita unidade. Verdadeiras memórias dum novo gênero – escritas a intervalos e sem nem por sombras a menor ideia de que um dia fossem publicadas. Que pedantismo o meu no começo! Topete incrível. Emília pura.²⁸³

Pondera, ainda, sobre o ineditismo do livro que estava sendo preparado:

Creio que não há em literatura nenhuma uma serie tão longa de cartas entre duas vocações, sempre sobre o mesmo assunto e no mesmo tom. O Edgard Cavalheiro aprovou-as com calor, achando que dá um livro dos mais originais. [...] Os livros de cartas que existem, como as de Euclides e outros, são dum mesmo homem para vários, de modo que não há unidade de estilo, tom e assunto.²⁸⁴

É evidente que Lobato tinha conhecimento do delicado terreno em que pisava ao decidir publicar ele mesmo suas cartas. Na sua “Escusatória”, o escritor estabelece alguns fundamentos sobre os quais o seu livro de cartas estaria construído.

“Estas cartas se salvaram, das que escrevi a Godofredo Rangel no dilatado espaço de quarenta anos”²⁸⁵. Com essa afirmação, Lobato aponta para uma dupla realidade: por um lado, a precariedade material do gênero epistolar e, por outro, o processo de seleção das cartas e composição do livro. Afinal, cartas são escritos frágeis, precários, datados, há quem diga fúteis, há quem diga transitórios. Escritas muitas vezes em papéis de má qualidade, ou naquele que se tem à mão, sem – aparentemente – preocupação alguma com sua conservação para a posteridade, muitas das cartas literalmente se dissolvem com o passar dos anos, cumprida a sua função imediata de comunicação entre os correspondentes. Assim, as cartas reunidas por Lobato seriam aquelas que “se salvaram” da sanha devoradora do tempo. No entanto, as cartas publicadas não são apenas aquelas que resistiram ao tempo; são também as que “se salvaram” da depuração “dos gatos, do bagaço, das inconveniências”. Afinal, Lobato já havia manifestado, em carta a Rangel datada de 28 de novembro de 1928, seu desagrado com a publicação de suas cartas, já que, segundo sua própria observação, desdobrava-se em dois Lobatos, o público e o privado: “*Tu quoque!* Até você a publicar trechos de cartas minhas! Não há nada que me desaponte tanto, porque sou um perante o Respeitável Público e outro na intimidade”²⁸⁶.

No mesmo sentido, o desabafo em carta a Anísio Teixeira, datada de 10 de setembro de 1929, contra a publicação de sua correspondência por considerá-la uma violação à intimidade:

²⁸² LOBATO, M. Op. cit., 1964b, p. 357.

²⁸³ Ibidem, p. 360.

²⁸⁴ Ibidem, p. 360-361.

²⁸⁵ LOBATO, M. Op. cit., 1964a, p. 17.

²⁸⁶ LOBATO, M. Op. cit., 1964b, p. 311.

Encontrei no Estado de S. Paulo, onde João Ribeiro mantém uma coluna diária, um artigo *headlined* com o meu nome²⁸⁷. Vou ler e... assombro dos assombros: era a transcrição da carta que escrevi ao Herbert. Caí do Woolsworth. Como o Herbert me prega semelhante peça? Uma carta íntima, livre, onde falei mal dos portugueses e da Academia com a franqueza que costume usar na intimidade, como vai ele dá-la a público? *I am very worried*. É a quarta vez que isso me acontece e de cada uma tenho jurado só escrever a amigos de absoluta confiança, que sei que jamais cometeriam semelhante indiscrição, como você, por exemplo. É horrível isso de pôr em jornais cartas íntimas. Dá-me a sensação de ser posto em ceroulas diante do público esculhambador.²⁸⁸

Como bem pondera Tânia Regina de Luca:

A divulgação de trechos de sua correspondência o desagradava. Para [...] d. Iainha confessava que a publicação da carta que endereçara a Frederico Vilar, adido naval brasileiro em Washington, muito o envergonhara por ser “uma carta muito em fraldas de camisa, nunca supus que alguém um dia cometesse a estupidez de dá-la em público”.²⁸⁹

Ademais, não se pode excluir a ideia de que esse processo constitui um esforço, ainda na visão de Tânia Regina de Luca, “para difundir e cristalizar uma determinada autoimagem”.²⁹⁰

Nesse sentido, pode-se explicar, de certo modo, a depuração “dos gatos, do bagaço, das inconveniências” pela qual passaram as cartas d’*A barca de Gleyre* ao serem enfileiradas no volume.

As Obras completas

Por fim, as *Obras completas*. Possivelmente, a iniciativa de publicar as *Obras completas*, proposta, segundo Lobato, pela Brasiliense, tenha sido uma ideia para alavancar a editora recém-fundada, que previa, inclusive, “um plano de venda em módicas prestações mensais através do Departamento de Crédito”. Lobato noticia a iniciativa a Rangel em 15 de julho de 1945:

Apesar de estar morrendo, nem por isso deixei de meter-me em cavalaria alta. Imagine que a Brasiliense propôs e eu aceitei, o lançamento de minhas... *Obras Completas*, Rangel! Em 30 volumes encadernados, para ser vendidas pelo sistema Jackson... Uma formidável bandalheira para arrancar dinheiro ao público. Mas o trabalho que me está dando... Só tenho parte do que andei escrevendo. Há um volume de Prefácios e Entrevistas – mas muitas destas são guardadas, nem me lembro a quem dei. Se tens por acaso alguma coisa minha, manda.²⁹¹

²⁸⁷ O artigo de João Ribeiro, a que alude Lobato, intitula-se “A língua brasileira” e foi publicado na edição do jornal *O Estado de S. Paulo* de 14 de agosto de 1929.

²⁸⁸ VIANNA, A.; FRAIZ, P. (Orgs.). *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia/Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986, p. 39. Herbert mencionado no trecho é o professor, escritor e gramático baiano Herbert Parentes Fortes.

²⁸⁹ LUCA, T. R. de. Monteiro Lobato: Estratégias de poder e auto-representação n’*A barca de Gleyre*. In: GOMES, A. de C. (Org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 156.

²⁹⁰ *Ibidem*, p. 140.

²⁹¹ LOBATO, M. Carta a Godofredo Rangel depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (Mlb 3.I.00187 cx4).

Em resposta a uma carta de Rangel, datada de 7 de setembro, Lobato anuncia o início do trabalho de revisão, ao mesmo tempo em que reflete sobre a sensação de lançar, ainda em vida, suas *Obras completas*:

Amanhã vou para a fazenda do Chapadão em Campinas, por uma quinzena. E lá começarei a rever as provas das Obras Completas. Acho meio esquisita esta história de Obras Completas com o autor ainda vivo e portanto ainda podendo produzir. O fato, porém, que em vida um autor das Obras Completas significa firme determinação de não escrever mais nada. Mesmo assim, se eu sarar bem, ainda botarei uns ovos infantis. Meu publicozinho está reclamando um livro novo “onde não ensine, nada, só haja aventuras”.²⁹²

Em 16 de dezembro de 1945, registra, também em carta a Rangel, o andamento do processo de revisão: “Estou a rever provas das Obras Completas. Que carrapato o erro – e que gente miserável são os amigos do erro, vulgo linotipistas! Como eles criam o erro e defendem sua criação! Mas a coisa é assim e acabou-se.”²⁹³

Publicadas as *Obras completas*, convinha a Lobato divulgá-las. E nada melhor para isso que o já testado e bem-sucedido processo de distribuir as edições aos amigos, que, de algum modo, pudessem contribuir para a sua divulgação. É o que se conclui do seguinte trecho de uma carta que Lobato recebeu de Apolinário Silva de Vilar Belmonte²⁹⁴, em 10 de abril de 1947:

Rio, rua Progresso 67 (S^{ta} Tereza) em 10 de abril de 1947
Eminente amigo Lobato

Recebi há um mês mais ou menos teu inolvidável presente. Foi uma dádiva para mim de um valor máximo porque na vida nunca recebi tão glorificadora pela eminência moral e intelectual do doador. Recebi-a com a super emoção de um Caruzo ovacionado no palco ou Rui ovacionado ao delírio das massas. Emoções que só as sensibilidades artísticas podem experimentar, sabem avaliar. São treze volumes de toda uma vida de trabalho cristão e honesto dedicado ao ensino público, ao exemplo dignificador, à moralização administrativa de juízes e professores, de povos e governos. O futuro, mais que a atualidade, é que há de compreender-te. Compreender tua campanha de higiene mental, de elevação humana, isenta de sectarismos e politicagens de toda espécie, de sentimentalismos, de verbiagens, de imaginações sonhadoras e não criadoras.²⁹⁵

Em 21 de novembro de 1947, à sobrinha Gulnara, informa a iminente saída da segunda parte das *Obras completas*, para que o neto Rodrigo já preparasse a estante:

A 2ª parte das minhas O. C. sai em dezembro e vou mandá-la para aí. É preciso que a estante do Rodrigo atente aos tantos centímetros de espaço que os 30 volumes do avô vão exigir. E essa estante deve ter uma folga para as mais coisas que o tal avô, apesar das tais Obras Completas ainda dará. No Brasil não há precisão de linguagem. Uma editora dá Obras Completas dum sujeito e continua a dar coisas novas desse sujeito...²⁹⁶

²⁹² LOBATO, M. Carta a Godofredo Rangel depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (Mlb 3.1.00188 cx4).

²⁹³ LOBATO, M. Op. cit., 1964b, p. 371.

²⁹⁴ Apolinário Silva de Vilar Belmonte (23/07/1882? – depois de 1961), advogado paulista, professor, jornalista, estudou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, tendo colado grau em 28 de novembro de 1919. Colaborou na *Revista do Brasil* entre os anos de 1923 e 1924. Colaborador do jornal *Diário de Notícias* (RJ), a partir de 1934.

²⁹⁵ BELMONTE, A. S. de V. Carta a Monteiro Lobato depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (Mlb 3.2.00456 cx9).

²⁹⁶ LOBATO, M. *Cartas escolhidas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964d, v. 2, p. 241.

Essa segunda parte das *Obras completas* a que o missivista faz alusão deveria ser a assim chamada “Segunda Série”, correspondente à Literatura Infantil, em que Monteiro Lobato, indelevelmente, havia deixado, ao longo dos anos, a sua marca, como aponta a Rangel, em carta de 10 de maio de 1945:

A saída de meus livros no último fim de ano foi a normal. Dos editados pela Brasiliense venderam-se no Natal 40%, segundo me mostraram. Quer dizer que saíram uns 70 milheiros. No Otale não sei, não indaguei. A diferença, meu caro, é que eu fiz o meu público, estou fazendo esse desde a 1ª edição de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e você agora é que surgiu no campo. Quem conhece a marca “G. R.” no livro infantil²⁹⁷? E quem não conhece a marca “M. L.”?²⁹⁸

Nessas reflexões sobre a eventual “incompletude” de suas *Obras completas*, vemos um Lobato que, a despeito de já se preparar para a posteridade, organizando e revisando minuciosamente suas obras para uma versão “definitiva”, com todas as aspas possíveis, ainda esperava criar histórias, escrevê-las, revisá-las e dá-las a público.

A morte no ano seguinte, no entanto, interrompeu esse curso, bem como interrompeu qualquer controle que o escritor poderia ainda ter sobre sua obra ou sua imagem. Ao longo das décadas seguintes, a imagem de Monteiro Lobato tem sofrido maiores ou menores distorções – nacionalista, comunista, machista, racista –, sua obra tem sido ora enaltecida, ora execrada, mas tem sobrevivido firme a todas as intempéries, podendo fazer seus os versos de Mário Quintana:

POEMINHO DO CONTRA

Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!²⁹⁹

(*Obras Completas* de Monteiro Lobato, 17).

²⁹⁷ Rangel escreveu dois livros infantis, *Histórias do tempo do onça* e *Passeio à casa de Papai Noel*, ambos publicados em 1943.

²⁹⁸ LOBATO, M. Op. cit., 1964b, p. 367-368.

²⁹⁹ QUINTANA, M. Poeminho do contra. *Caderno H* (1973). In: *Mário Quintana: Poesia completa*. Organização Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 257.